

## TERCEIRO DOMINGO NA QUARESMA

3 DE MARÇO DE 2024

ÊXODO 20.1-17

### 1 ASPECTOS TEOLÓGICOS DA PERÍCOPE

No intuito de auxiliar o pregador na busca pela temática do dia, este recurso homilético servirá de ajuda no aprofundamento do texto do Antigo Testamento proposto pelo Lecionário para o Terceiro Domingo na Quaresma – Ano B. Assim, a partir deste estudo, o pregador receberá assistência para que possa tomar a decisão sobre o que pregar neste dia.

O texto de Êxodo 20. 1-17 apresenta um grande monólogo do SENHOR para o seu povo. Com a intenção de olhar mais atentamente para essa grande fala de ordenanças de Deus, os próximos tópicos se preocuparão em extrair a teologia do texto, tendo em vista a pregação, a fim de que se compreenda o que Deus revelou para o seu povo ao falar as conhecidas “Dez Palavras”. Para isso, os seguintes tópicos se preocuparão em analisar a mensagem contida ao longo da perícopes por meio de uma observação detalhada dos versículos, buscando encontrar as categorias teológicas presentes no texto, e, assim, relacioná-las com as outras leituras do dia para fins homiléticos, tendo como pressupostos a distinção hermenêutica em aspectos de Juízo e Graça, e a aplicação cristológica da perícopes, o que traz o real sentido para os corações daqueles que foram libertados da escravidão do pecado e conduzidos à Nova Terra Prometida.

#### 1.1 ANÁLISE DA PERÍCOPE

Mediante a leitura da perícopes, é possível perceber que, diante do grande evento do Sinai, a primeira coisa que Deus expressa e revela é a sua Santa Vontade para o povo, conforme todas as Palavras que ele falou (Êxodo 20. 1-17).

Este grande momento abre com a retomada daquilo que Deus havia feito pelo povo de Israel – o ato que seria guardado e lembrado por gerações ao longo da história, realizado pelo Deus que se revelou como o Libertador da terra do Egito (Êxodo 20. 2). Agora, liberto da casa da servidão, Israel, que estava para ser tornado reino de sacerdote e nação santa pela aspersão do sangue da Aliança (Êxodo 19. 6; 24. 8), deveria ouvir as Palavras do SENHOR, que revelavam algo muito além do que apenas códigos morais e éticos; revelavam como de fato um ser humano deveria ser à luz da Criação. Conseqüentemente, revelavam também a vontade, não de um legislador, mas de um Deus Bondoso e Gracioso; o Libertador de Israel, aquele que esperava que seu povo vivesse em novidade de vida. Então, Deus apresenta a si mesmo como o único SENHOR de Israel, não devendo o povo ter outros deuses diante dele, mas devendo amá-lo de coração, guardando os seus mandamentos a fim de permanecer debaixo de sua Misericórdia: “— *Eu sou o SENHOR, seu Deus, que o tirei da terra do Egito, da casa da servidão. — Não tenha outros deuses diante de mim. — Não faça para você imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adore essas coisas, nem preste culto a elas, porque eu, o SENHOR, seu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos*” (BÍBLIA, NAA, Êxodo 20. 2-6).

Em seguida, após ter apresentado a si mesmo, lembrando o povo do seu ato libertador, Deus fala a respeito do seu Santo Nome, que não deveria ser usado em vão, porém, usado por verdadeiros adoradores do SENHOR, em temor, honra, glória e reverência para com o Nome do Libertador de Israel. Por isso, Deus acrescenta juízo a todo aquele que não usar seu Nome de forma devida, jurando falsamente ou blasfemando contra ele: “— *Não tome o nome do SENHOR, seu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão*” (BÍBLIA, NAA, Êxodo 20. 7).

Deus também fala a respeito do dia que deveria ser dedicado a ele, em que o povo de Israel deveria entrar em seu descanso, do mesmo como o próprio

SENHOR havia descansado no sétimo dia após a sua Obra Criadora. Assim, junto com o Criador, a Criação deveria descansar neste dia abençoado e santificado pelo próprio Deus, mediante a sua Palavra. Por isso, Deus incluiu esta Palavra, justificando a sua Santa Vontade em seu próprio ato de descanso no sétimo dia, devendo ser um dia dedicado somente ao SENHOR: “— *Lembre-se do dia de sábado, para o santificar. Seis dias você trabalhará e fará toda a sua obra, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, seu Deus. Não faça nenhum trabalho nesse dia, nem você, nem o seu filho, nem a sua filha, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu animal, nem o estrangeiro das suas portas para dentro. Porque em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou*” (BÍBLIA, NAA, Êxodo 20. 8-11).

Até então, as Palavras ditas pelo SENHOR se referiam a questões que envolviam o relacionamento dentro da sua Aliança entre Deus e o seu povo. Posteriormente a isso, Deus passa a proferir Palavras que se referem a questões sobre o relacionamento dentro da sua Aliança entre aqueles que constituem o seu povo. Por isso, Deus profere mais estas Palavras, mostrando como a nação santificada por ele deveria viver entre si, como povo liberto de Deus: “— *Honre o seu pai e a sua mãe, para que você tenha uma longa vida na terra que o SENHOR, seu Deus, lhe dá. — Não mate. — Não cometa adultério. — Não furte. — Não dê falso testemunho contra o seu próximo. — Não cobice a casa do seu próximo. Não cobice a mulher do seu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo*” (BÍBLIA, NAA, Êxodo 20. 12-17).

Ao analisar todas as Palavras ditas por Deus, é possível colocá-las dentro de uma estrutura que facilita a compreensão daquilo que o SENHOR está dizendo para o seu povo, pois, enquanto nas três primeiras Palavras nota-se que Deus está falando do relacionamento entre ele e o seu povo, nas outras sete Palavras percebe-se que Deus está falando do relacionamento do povo entre si. Deste modo, entende-se o motivo de Jesus Cristo ter resumido a Lei do SENHOR em dois grandes mandamentos: amor a Deus e amor ao próximo (Mateus 22. 36-40).

A partir disso, é possível perceber como Deus, ao entregar a Lei de sua Aliança, possui o firme propósito de reger todo o relacionamento de Israel, como Alexander (2010, p. 107) deixa claro:

As estipulações delineadas pelo Senhor têm o propósito de reger o relacionamento de Israel com seu Deus. Elas representam as principais exigências impostas por Deus ao povo de Israel para o estabelecimento e manutenção do relacionamento de aliança divino/humano. As estipulações da aliança no capítulo 20 são listadas em ordem de prioridade descendente e se concentram no relacionamento primário dos israelitas com o Senhor e então com as outras pessoas. O povo deve ser puro na devoção a quem o livrou do Egito; ele deve adorar apenas o Senhor (20.3). Além disso, seu comportamento social deve seguir o padrão que dá prioridade aos direitos individuais com respeito à vida, ao casamento e aos bens pessoais. Eles devem obedecer esses mandamentos por amor a Deus: “que me amam e obedecem aos meus mandamentos” (20.6).

A partir das estipulações ordenadas pelo SENHOR ao revelar a sua Santa Vontade, Deus estabelece a base do relacionamento dentro de sua Aliança com o povo de Israel. Diante disso, era necessário que Israel fosse obediente a Deus para manifestar a essência do relacionamento da Aliança. Entretanto, como bem ressalta Alexander (2010, p. 106), não é a obediência de Israel à Lei que cria o relacionamento entre o povo e Deus, pois a obediência somente é a resposta do povo em amor ao que o Deus Zeloso e Misericordioso fez primeiro, conforme ele mesmo afirmou sobre si (Êxodo 20. 2).

Apesar de logo após Deus ter proferido todas as Palavras o povo ter dito “— *Tudo o que o SENHOR falou nós faremos e obedeceremos*” (BÍBLIA, NAA,

Êxodo 24. 7), Israel não demorou a esquecer tudo o que Deus havia dito, desobedecendo-o e quebrando a Aliança recém firmada ao construir o bezerro de ouro (Êxodo 32. 1-21), mostrando a incapacidade do povo em ser fiel no relacionamento da Aliança com Deus. Assim, a Lei, que foi entregue pelo SENHOR para ser a fonte de um bom relacionamento entre Deus e Israel, passa a ser fonte de maldição e assombro diante da pecaminosidade do povo, que se mostra incapaz de cumprir com a Santa Vontade de Deus.

Na essência dos planos divinos para seu povo estava o desejo de que eles refletissem sua santa natureza sendo perfeitos em tudo o que fizessem, dissessem e pensassem. Infelizmente, por meio da confecção do bezerro de ouro, o povo logo demonstrou sua inabilidade de manter as obrigações estabelecidas diante deles. Como resultado, seu relacionamento de aliança com Deus, que prometia ser uma fonte de grande bênção, tornou-se para eles, devido à desobediência, uma fonte de maldição divina (Alexander, 2010, p. 114).

Diante disso, fica a pergunta: como o povo, diante da sua desobediência provinda do pecado, poderia viver em conformidade com a Lei, assegurando o relacionamento duradouro com Deus na Aliança estabelecida por ele? Por que foi necessário Deus instituir uma Nova Aliança? De que maneira a Nova Aliança suplantou a Aliança estabelecida no Sinai? Como a Igreja, pertencente à Nova Aliança, deve olhar para a Lei de Deus hoje? Para responder a essas perguntas, será feita uma análise homilética da perícopes, levando em conta os aspectos de Juízo e Graça ao abordar sobre as Dez Palavras do SENHOR.

## 1.2 ANÁLISE HOMILÉTICA DA PERÍCOPE EM ASPECTOS DE JUÍZO E GRAÇA

Olhar para a face do texto que revela as Dez Palavras de Deus, mais conhecidas como “Os Dez Mandamentos”, sempre é um grande desafio. Apesar disso, também não é de se negar que, facilmente, um pregador pode cair no erro de achar que está lidando com um texto simples de abordar, subestimando-o. Entretanto, na medida em que os olhos passam pelo relato do momento em que Deus abriu a boca no Sinai para proferir as suas Palavras, não é somente o arraial de Israel que treme de medo, mas também todos aqueles que olham para essas Palavras e as levam para o coração. Pois, ao levá-las ao coração, é impossível que não encontrem nele a incapacidade de cumpri-las por si só, afinal, é nele que se encontram os “[...] *maus pensamentos, homicídios, adultérios, imoralidade sexual, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias*” (BÍBLIA, NAA, Mateus 15. 19), ou seja, tudo o que é contrário ao que a Lei exige. Por isso, não há outra coisa a fazer a não ser participar do tremor do arraial de Israel diante do Sinai que fumega pela Presença do SENHOR, mostrando todo o rigor de sua Santa Lei, que nada mais revela do que a verdade daquilo que o ser humano realmente deveria ser.

Na lei Deus declara o que o homem deveria ser, e pronuncia a maldição sobre ele se o não for. Ora quando o homem se examina à luz da lei descobre que é precisamente aquilo que a lei condena. Como poderá ele, portanto, obter a vida por meio da lei? A lei propõe a vida e a justiça como os fins a alcançar, guardando-a; mas mostra-nos, desde o primeiro momento, que nos encontramos num estado de morte e iniquidade (MACKINTOSH, 2001, p. 105).

É claro que o povo de Israel não chegou a essa conclusão naquele momento, mas acreditou veementemente que poderia cumprir a Lei de Deus, ao dizer logo em seguida: “— *Tudo o que o SENHOR falou nós faremos e obedeceremos*” (BÍBLIA, NAA, Êxodo 24. 7). Entretanto, a história que segue logo mostra a infidelidade de Israel (Êxodo 32. 1-21); uma história que não dura apenas

por um instante, mas que perdura por diversos relatos da Escritura que constata o frequente esquecimento por parte de Israel da Aliança do SENHOR, firmada com sangue, a fim de que o povo vivesse em conformidade com sua Lei, como nação santificada por ele. Contudo, não é isso o que acontece; não porque Deus falha na história, mas porque o povo se mostra incapaz de cumprir com a Lei, quebrando a Aliança do SENHOR. Diante disso, apesar de se tratar de uma perícopa que foca apenas nas Palavras de Deus, ao olhar para a face do texto, é possível perceber verdades sobre Deus e sobre o ser humano.

Em primeiro lugar, Deus se mostra como o Libertador de Israel, aquele que estendeu sua Misericórdia para com o povo, que estava escravizado no Egito, preso nas garras de faraó, e destinado à morte. É nesse contexto que Deus mostra a sua Graça e Bondade, livrando o povo da casa da servidão para o tomar para si, como o Deus Zeloso que é. Entretanto, o fato de Deus pronunciar as suas Dez Palavras também revela verdades sobre o que ele deseja para o seu povo.

Deus deseja que seu povo, que seria santificado por ele pelo sangue da Aliança, tenha somente ele como Deus e SENHOR; ele deseja que seu Nome não seja tomado em vão, pois seria sob este Nome que o povo de Israel estaria; Deus deseja que o seu povo entre em seu descanso, guardando o dia em que ele mesmo descansou, abençoando-o e santificando-o. Assim, ele se mostra o Deus que deseja ser amado e temido de todo coração, alma e entendimento pelo seu povo, cujo aqueles que o constituem deveriam viver em amor, não desprezando seus pais, preservando a vida um do outro, vivendo em fidelidade para com o cônjuge, tomando conta do que é seu, falando bem do outro, satisfazendo-se com tudo o que possui.

Ao mesmo tempo em que Deus revela a sua Santa Vontade, apresentando verdades sobre si, ele também acaba revelando verdades sobre o ser humano; não sobre quem o ser humano é, mas sobre quem o ser humano deveria ser, tanto à luz da Criação quanto à luz da libertação conquistada por Deus ao tirar o povo de Israel do Egito. Assim, Deus mostra um ser humano que deveria viver em pleno amor a ele e ao próximo.

Sabe-se que a perícopé em estudo não apresenta outra verdade sobre o ser humano além daquela sobre quem ele deveria ser. Contudo, sabe-se que, por detrás dessa verdade expressiva da Vontade de Deus para o homem, está a verdade revelada sobre a pecaminosidade do ser humano que, ao entrar em contato com a Lei que é Perfeita e Santa, é colocado debaixo da maldição da Lei pela sua incapacidade de cumpri-la. Por causa dessa incapacidade, jamais o ser humano poderia por si mesmo livrar-se da maldição da Lei; e é neste momento que Cristo deve entrar em cena nesta perícopé para que, enfim, torne a Lei tão doce quanto o mel pela Mensagem do seu Evangelho.

### 1.3 ANÁLISE CRISTOLÓGICA DA PERÍCOPE

Por si só, a perícopé que apresenta as Dez Palavras do SENHOR não consegue apresentar o Evangelho de Jesus Cristo, pois nela está inteiramente expressa todas as exigências de Deus para o ser humano. A Lei de Deus está inteiramente revelada nesta perícopé em todo o seu rigor; e, apesar de existir aspectos que apresentam a Graça de Deus em meio a esse contexto da realização da Aliança entre o SENHOR e Israel, ainda assim, é preciso trazer luz a este texto a partir de uma análise e aplicação cristológica, afinal, é em Cristo que a Lei é verdadeiramente cumprida.

A Lei de Deus revelada no Sinai apresenta como de fato o homem deveria ser. Contudo, por causa do pecado, constata-se a incapacidade do homem de cumprir com as exigências da Lei. Por essa razão, somente um Homem Santo, sem culpa, nem pecado, poderia elevá-la a sua plenitude, cumprindo-a verdadeiramente. Este Homem não foi ninguém mais nem menos do que o próprio Jesus Cristo que, na plenitude do tempo, foi enviado por Deus para nascer de mulher, debaixo da Lei, a fim de resgatar os que estavam debaixo da Lei pelo seu cumprimento (Gálatas 4. 4-5). O próprio Jesus deixou isso muito claro ao dizer: *“Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir. Porque em verdade lhes digo: até que o céu e a terra passem,*

*nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra*” (BÍBLIA, NAA, Mateus 5. 17-18).

De fato, Jesus foi aquele que cumpriu com as exigências da Lei, satisfazendo a Vontade de Deus para o homem, revelada e expressa no Sinai. Jesus foi o Homem Santo e Perfeito em lugar de todo o povo de Israel; em lugar de toda humanidade. Cristo, em sua obediência ao Pai (João 4. 34; 6. 38), viveu sob a Lei a fim de que pudesse livrar aqueles que estavam debaixo da maldição da Lei, como é dito em Gálatas 3. 13: *“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar”* (BÍBLIA, NAA). Por essa razão, Jesus Cristo foi obediente em toda a sua caminhada até a cruz, onde ele derramaria o seu Santo e Precioso Sangue que seria aspergido pela Nova Aliança estabelecida por ele ao instituir a sua Santa Ceia. Assim, era necessário que Jesus Cristo fosse entregue à morte para condenar o pecado na carne a fim de fazer tudo o que a Lei não podia fazer por causa da fraqueza da carne pecaminosa. Por isso, pela morte de Cristo, a exigência da Lei se cumpre em todo aquele que vive segundo o Espírito de Deus (Romanos 8. 3-4), que é derramado por meio de Jesus no Santo Batismo (Tito 3. 5-6).

É somente estando em Cristo, unido a ele em sua morte e ressurreição pelo Santo Batismo (Romanos 6. 4), que se pode andar em novidade de vida, conforme a Vontade de Deus revelada em sua Lei para o seu povo. Assim, do mesmo modo como na Antiga Aliança Deus havia eleito Israel para ser um reino de sacerdotes e uma nação santa pela aspersão do sangue da Aliança (Êxodo 19. 6; 24. 8), é pelo Sangue da Nova Aliança, que é aspergido sobre os eleitos de Deus na Santa Ceia, que Cristo transforma pecadores em sacerdócio real, nação santa e povo de propriedade exclusiva de Deus para proclamar todas as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz, tornando pecadores pertencentes ao povo do SENHOR (I Pedro 2. 9), como o apóstolo Pedro afirma: *“Antes, vocês nem eram povo, mas agora são povo de Deus; antes, não tinham alcançado misericórdia, mas agora alcançaram misericórdia”* (BÍBLIA, NAA, I Pedro 2. 10).

Em Cristo, a Lei já não mais amedronta o pecador arrependido e perdoado, mas se torna motivo de alegria para o seu coração, e luz para os seus olhos, sendo mais desejável para ele do que ouro depurado e mais doce do que o mel (Salmo 19. 8, 10).

## 2 CONEXÕES ENTRE AS LEITURAS DO DOMINGO

Como último tópico deste recurso homilético, será feita uma relação entre as perícopes do Terceiro Domingo na Quaresma – Ano B. Assim, será possível identificar pontos de contato entre as leituras para que o pregador saiba mais claramente por qual caminho seguir na hora de preparar a proclamação da Palavra de Deus.

No Salmo do dia, que é o Salmo 19, pode-se identificar uma forte conexão com a leitura do Antigo Testamento, visto abordar claramente sobre a Lei de Deus, principalmente do versículo 7 ao 14, em que o salmista expressa a perfeição da Lei, reconhecendo como ela restaura a alma e alegra o coração, sendo algo tão puro que ilumina os olhos. Por isso, a Lei do SENHOR para o salmista se torna tão desejável, até mesmo mais do que o ouro, e tão doce quanto o destilar dos favos de mel. Tudo isso pode ser explorado com conexões e pressupostos cristológicos, a fim de enriquecer a pregação.

Na leitura da Epístola, que é 1 Coríntios 1. 18-31, apesar de possuir poucos pontos de contato com a leitura do Antigo Testamento, ainda assim possui um detalhe que, a partir de uma análise homilética, pode ser utilizada na pregação.

No início da carta de Paulo ao Coríntios, Paulo apresentará a loucura da palavra da cruz, que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, destruindo toda e qualquer sabedoria por ter Deus escolhido as coisas loucas do mundo para realizar a sua Obra Redentora através de seu Filho. Contudo, ao final e sua grande argumentação, Paulo diz assim: *“Mas vocês são dele, em Cristo Jesus, o qual se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção”* (BÍBLIA, NAA, I Coríntios 1. 30).

Sabe-se que, ao entregar a Lei de sua Aliança ao povo, Deus estava querendo tomar o povo para si, que não deveria possuir nem adorar outros deuses. Assim, pelo cumprimento da Lei, o povo mostraria que pertencia ao SENHOR. Agora, já não é mais primordialmente pelo cumprimento da Lei que manifesta o pertencimento a Deus, mas pela fé em Cristo, aquele que cumpriu a Lei pelo pecador, tornando-se sabedoria, justiça, santificação e redenção para todo o que nele crê.

Na leitura do Evangelho, que é João 2. 13-25, encontra-se o relato da purificação do Templo mediante o grande zelo de Jesus pela Casa do seu Pai. Por mais desafiador que seja estabelecer uma conexão do Evangelho com a leitura do Antigo Testamento, talvez aqui esteja o ponto de contato para que o pregador “amarre” essas duas perícopes em prol da pregação.

No relato do Antigo Testamento, Deus se mostra Zeloso com a sua Aliança. Aqui, do mesmo modo, Jesus revela o mesmo zelo pelo local onde Deus havia prometido que se faria Presente para o seu povo, conforme a sua Aliança. Contudo, a Casa de Deus havia se tornado uma casa de negócios (João 2. 16).

Por meio desses pontos de contato, e por este recurso homilético, espera-se que o pregador tenha encontrado subsídios suficientes para explorar as possibilidades no preparo da proclamação, encontrando uma boa temática a ser abordada, tendo assim condições para decidir por qual caminho seguir na escrita da pregação. Que o pregador, guiado e iluminado pelo Espírito Santo, continue buscando manejar bem a Palavra da Verdade (II Timóteo 2. 15), a fim de que o Reino de Deus continue vindo até o seu povo por meio da Pregação do Evangelho de Jesus Cristo, aquele que cumpriu a Lei em favor de toda a humanidade.

Rev. Pedro Pinheiro